

HUASIPUNGO(*)

Manoel de Andrade

1. A revolucionária Manuela Sáenz

Alguns dias depois que cheguei a Quito, passei a frequentar, pelas manhãs, a Biblioteca Nacional "Eugenio Espejo". Procurei a biblioteca a fim de pesquisar sobre a vida da revolucionária equatoriana Manuela Sáenz, nascida em Quito, em 1797 e que, tal como a boliviana Juana Azurduy Padilla, lutou pela independência da América e morreu no abandono. Alguns intelectuais que conheci, referiam-se a ela como a maior heroína nacional e, em entrevista dada em outubro de 2011, o escritor, historiador e crítico equatoriano Hernán Rodríguez Castelo – autor de uma recente biografia sobre *Manuela Saens* – afirmou *que no hay en América en la primera mitad del siglo XIX ninguna otra mujer de la grandeza de Manuela Sáenz*.

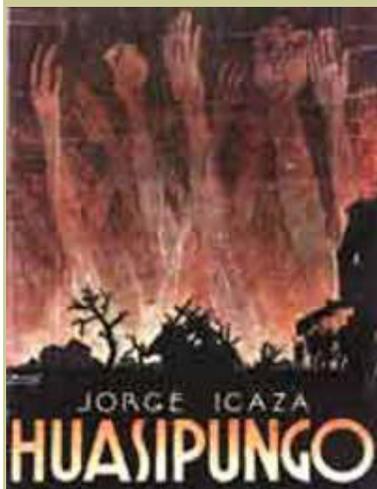
Insurgindo-se contra uma sociedade colonial decadente e corrupta, envolveu-se na adolescência com as forças que organizaram, a partir de 1809, a emancipação do Equador. Foi posteriormente internada num convento de onde fugiu para Lima, integrando-se na luta pela Independência do Peru, ocorrida em julho de 1821. No ano seguinte, conheceu e tornou-se amante de Bolívar, passando a tomar parte nos combates, vestida com uniforme militar e salvando-o da morte por duas vezes. Desterrada para a Jamaica, após a morte do Libertador e posteriormente para a cidade norte-peruana de Paita, onde morreu na pobreza em 1856, tal era a sua fama, que ali foi visitada pelo revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi e pelo escritor Herman Melville.

Enquanto lia a obra *Manuela Sáens, la Libertadora del Libertador*, do historiador equatoriano Alfonso Rumazo González, alguém comentou sobre a importância de um livro que, ano a ano, impunha-se na literatura equatoriana e hispano-americana e que eu desconhecia. Era o do romance *Huasipungo*, de Jorge Icaza, publicado em Quito, em 1934.



2. O Huasipungo de Jorge Icaza

Desde as primeiras páginas, a narrativa indigenista despertou meu interesse, a ponto de ler a obra duas vezes no Equador e ter relido recentemente numa surpreendente edição de 1941, publicada em Curitiba, pela antiga Editora Guaíra. Foi realmente uma festa, para o "rato" de livraria que sou, encontrar a obra num dos sebos da cidade, em uma das primeiras edições feitas na América Latina e, certamente, a primeira no Brasil. Apesar de ter sido traduzida para mais de 40 línguas e de outras edições nacionais, *Huasipungo* é um livro praticamente desconhecido entre nós. *Huasipungo* é uma palavra quíchua que significa o local onde vive o índio com sua família: pais, avós, esposa e filhos. É a sua querência, o seu ancestral e sagrado pedaço de terra, a qual lhe emprestam pelo trabalho que executa na fazenda e onde constrói sua casa de taipa e seu quintal, onde planta e cria seus animais.



Huasipungo, pela sua fidelidade cultural, é a obra indigenista por excelência do continente. A corrente indigenista, que precedeu o realismo mágico na narrativa latino-americana, surge no começo do século XX, com a novela *Raza de bronce*, do boliviano Alcides Arguedas (1879-1946), obra que circunstancialmente não pude ler, quando passei pela Bolívia e de cujo autor conheço somente parte de sua grande poesia. Não faço aqui uma análise literária da obra porque essa não é minha ciência e nem minha paixão, apenas cito algumas passagens do romance, focadas na denúncia de um enredo chocante, marcado pelos sucessivos quadros de um drama continuado, onde a opressão e o desprezo pelo ser humano se impõem em suas 200 páginas.

O realismo do romance deve-se, em parte, à própria vivência do escritor entre os índios, numa região andina de selvas, batida pela fúria dos ventos e pelas enchentes dos rios que arrastam árvores, casas, homens e animais, sepultando tudo em poucos momentos. Foi, em parte, nesse cenário natural que o talento de Icaza pintou as cenas mais sombrias de sua obra, retratando a cruel escravidão a que os habitantes indígenas eram submetidos e cujas vidas eram sacrificadas de forma banal, conforme os interesses dos fazendeiros.

O enredo gira em torno de dois personagens: o fazendeiro Alfonso Pereira e o índio André Chiliquinga, e começa com Alfonso – pressionado por muitas dívidas – aceitando a proposta de seu tio Julio Pereira de internar-se na selva para construir uma estrada que a ligasse ao povoado de *Tomachi*. Na continuidade, a compra das terras da região e a destruição das aldeias de *huasipungos* para que o norte-americano Mr. Chapy instalasse a administração para a retirada da madeira, como um disfarçado pretexto para apoderar-se do petróleo da região.

Acompanhado da esposa Blanca e da filha Lolita, grávida de um cholo, um camba, – um índio aculturado – alguns indígenas de serviço e montando uma mula, Alfonso chega ao povoado, a caminho da fazenda que mantinha numa localidade chamada *Cuchitambo*.

Entardecia e a caravana entrava na povoação de Tomachi. O inverno, a montanha e a miséria, haviam feito de Tomachi uma povoação de lama, de imundície, de agachos. Agacham-se as choças, ao largo da única rua lamacenta e adornada de monturos. Agacham-se, às portas das vivendas, as crianças, para brincarem com o barro, ou para tiritar com os calafrios do paludismo. Agacham-se as mulheres junto ao fogo, desde a manhã à tarde, preparando as papas de farinhas de cevada ou o guisado de batatas. Agacham-se os homens, de seis a seis, junto ao trabalho da chácara ou da montanha, ou se perdem pelos caminhos com as mulas, levando cargas às povoações vizinhas. A rua estreita está tatuada por um pequeno regato de água suja, onde se dá de beber ao gado existente nos huasipungos, e onde os suínos fazem suas camas de lodo, para espojarem-se em seus ardores. E ali mesmo, os meninos, pondo-se de quatro, saciam a sede.¹

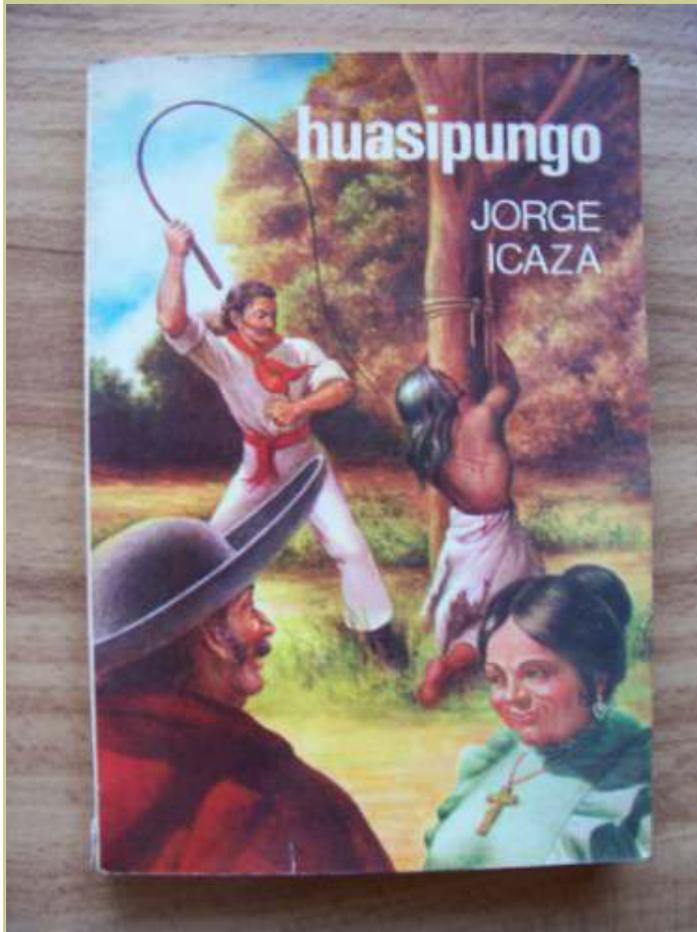
Quanto ao índio André, fazia dois anos que ao terminar o trabalho no casarão de Alfonso, ao invés de voltar para o huasipungo dos pais, penetra escondido no bosque

¹ Icaza, J. *Huasipungo*. Trad. de De Plácido e Silva. Curitiba, Guafra Limitada, 1941, p. 28-9.

Como farei citações seguidas do mesmo livro, optei por quebrar as normas editoriais, e colocar, no fim de cada texto citado, a referida página. As eventuais mudanças, na literalidade do texto, correm devido à nova ortografia.

até chegar à choça onde vive com a Cunshi.

Ela o vê aproximar-se, solta a lenha, agacha-se em baixo, como a galinha, que espera o galo. E aguarda que atue a agressividade do macho, que, colhendo um bagaço de cana, que há no pátio, o emprega para açoitar. Se alguém houvesse pretendido defendê-la, ela se voltaria irada e olhando para o defensor lhe cuspiria na cara em sinal de protesto, como todas as índias: "Intrometido, não faz mal que me pegue, para isso é o marido". (35)



3. Um seio indígena para uma criança branca

Depois que Lolita ficou sem leite para amamentar o filho bastardo, Dona Blanca manda o capataz Policarpo em busca de índias que possam amamentá-lo. Quando o filho da primeira índia morreu, por não poder disputar seu único alimento com o neto de nhá Blanquita, o leite acabou e Policarpo foi atrás de novas índias numa plantação da região, onde as mães carpem a terra e os filhos ficam na sombra da mata. As crianças choram de fome e o capataz diz que veio para levar uma jovem índia:

– Cadelas! E agora que vou, pois, tenho de levar a menina. O menino, chorando, ficou por mamar. A índia de Cachishano já lhe secou o leite. Ela o substituirá. (45)

As índias exibem seus filhos, espremem os seios respingando jatos de leite e o capataz seleciona duas índias para a escolha final:

– E nós, não?

– Vão trabalhar. E se não terminam a tarefa desse lado, verão, bando de cadelas. (46)

4. André fica coxo

Com a demanda da lenha e o carvão no comércio da capital, Don Alfonso delega ao mestiço Rodrigues o comando de trinta índios para tirar a madeira dos montes e entre eles André, que reluta em deixar Cunshi e seu filho recém-nascido, mas, ainda que tomado pela revolta, acaba obedecendo a Rodriguez, contratado para fazer o carvão. Ao usar o machado para picar o tronco, o objeto desvia-se e lhe atravessa o pé, cravando-se no tronco. O capataz manda buscar teias de aranha e lhe aplicam todas emporcalhadas sobre o corte sangrando e enfaixando o pé. No terceiro dia, seu pé era uma chaga viva, fétida, putrefata e tomada pelos vermes. Foi levado para a fazenda, tratado e curado, mas ficou coxo.

5. A estrada da morte

A construção da estrada começou com grande entusiasmo, mas, quando os trabalhos chegaram a uma região de pântanos, foi necessário embriagar os índios para que eles tivessem coragem para entrar no lodo profundo, onde eram mordidos por caranguejos famintos.

Naquele ambiente insalubre, atacados pelo impaludismo, tremores e febre, os índios são obrigados a trabalhar sob a ameaça do chicote de Rodrigues, que está orientado pelo fazendeiro Alfonso para não deixar as obras atrasarem, ainda que muitos índios tenham que morrer no pântano.

– Vamos, canalhas! Corram... Corram...

Aferrada à febre, vai também a preguiça que torna lerdos os membros, impedindo-os de correr.

– Canalhada suja! Que se passa, pois? – afirma o zarolho, vendo que os índios atacados da palustre se movem apenas. Volta a lubrificar as mãos com a saliva e força o braço, enlouquecendo-se com os desmaios dos impaludados. (99)

Diante da pressa com que Don Alfonso exige o difícil trabalho dos índios retirando lodo e lama para drenar o pântano, o engenheiro da obra o adverte que não se pode secar pântanos à custa de cadáveres. Que se deve avançar aos poucos para não se perder centenas de índios, morrendo enterrados em alguns sumidouros.

Um grito saído do meio da neblina faz emudecer todos os comentários. Ao longe se distingue, ligeiramente apenas, a silhueta de um índio, que levanta as mãos, como

se buscase apoio no ar. O engenheiro volta a olhar, procurando descobrir a tragédia em todas as direções, e ao ver o índio, que pede socorro, exclama triunfante:

– Veja, veja, começa a submergir-se. Aí tem você um índio perdido. E será este o primeiro; mas não será o último. (103)

Diante da tragédia, muitos mestiços falam em deixar aquele inferno e voltar ao povoado. Mas o fazendeiro Alfonso tem uma solução:

– Não... Já verá que tudo se arranja. Aos mestiços é dar mais um trago. Vou mandar vir do povoado mais uns cinco barris. Eles manterão o entusiasmo, pela inconsciência do álcool... É preciso que o trabalho continue dessa maneira, pois do contrário teríamos um insucesso e veríamos sem cumprimento nossa missão cultural, de trazer a este povoado a imagem e semelhança de nossa civilização. Verá... – afirma o latifundista, alimentando projetos prazenteiros entre as mãos. (104-105)

O engenheiro comenta que tais mortes irão desencorajar os peões. Mas Don Alfonso retruca:

– Isto ficará a cargo, em primeiro lugar, do trago estimulador. E, em segundo, ao cargo de meu amigo cura... Já verá você. Apenas venha o padre, que os ensope com um sermão, oferecendo-lhes a glória e alguma cousita mais, tudo entrará nos seus eixos. (105)

6. O “socorrinho” para os famintos

Era costume do fazendeiro Alfonso dar o resto das espigas de milho que sobrava no campo para os índios dos huasipungos. Naquele ano, porém, ele resolveu recolher tudo para vender, negando aos índios o socorro que eles contavam para matar a fome da família. O fato geraria uma revolta silenciosa e imprevisível entre os indígenas. Sentados naquela manhã em torno do pátio da casa da fazenda, esperavam que o patrão se levantasse para fazer a petição daquilo que sempre receberam: o “socorrinho”, os grãos caídos na terra. O fazendeiro chega, perguntando o que querem, e nega o “socorrinho”.

Os índios, pressionados pela fome, permaneceram mudos e imóveis, ante a negativa dos “trinta quintais” de grãos que Alfonso pretendia vender no mercado de Quito. Depois, saíram dizendo em quíchua que à noite iriam recolher “os socorros”. Alertado, pelo mordomo, que estavam esfomeados e poderiam matar pela comida, o fazendeiro mandou que telefonasse para o Intendente de Quito, pedindo um piquete policial contra um possível levante de índios.

Pela aldeia e pelo vale cruzam rajadas de fome, embrenhando-se pelas casas, pelas choças, pelos huasipungos.

Não é a fome dos rebeldes que se deixam morrer no cárcere. É a fome dos escravos, que se deixam matar.

Não é a fome das estrelas do cinema, que a aceitam para não perder a linha; é a fome dos índios que se matam para conservar a robustez das elites latifundistas.

Não é a fome dos desocupados; é a fome dos índios super-ocupados e esfomeados.

*Não é a fome improdutiva; é a fome que há engordado os celeiros da serra, que há posto motor no orgulho da aristocracia capitalista.
Fome, que toca harpa nas costelas das crianças e dos cachorros.
Fome que se cura com a receita da mendicidade, da prostituição e do roubo.
(144)*

7. Um “banquete” de carne podre

Um dia aparece um boi morto, num valo da fazenda de don Alfonso. Os índios buscam o mordomo pedindo que interceda ao fazendeiro para que lhes deem a carne.

– Que os regale com a carne? Não estou louco! Já mesmo, mandes fazer um fosso bem fundo, e enterres o boi. Os índios não devem provar, nem mesmo uma migalha de carne. Desde que se lhes dê, assanham-se e estamos fritos. Todos os dias me fariam rodar uma cabeça de gado. Mataram-me esta intencionalmente. Os pretextos não faltam. Carne para os índios! Não faltava mais nada. Nem o cheiro. São como feras. Se se acostumam, quem os aguentará depois? Precisaria matá-los para que não acabassem com o gado. Do mal o menor. Fazes enterrar o boi pintado, o mais profundo que se possa. (148)

Quando o mordomo chega ao local, os urubus já estavam devorando o animal. O buraco foi feito e enquanto o corpo do boi é puxado para a cova, alguns índios arrancam pedaços de carne e ocultam sob a roupa. O mesmo faz o índio André, escondendo um pedaço de perna por baixo do poncho.

(...) mas o chicote do mordomo lhe envolve em um fustigo, que o atravessa até os ossos.

– Solta, canalha!

Não foi vergonha; foi ódio, foi desespero o que o índio sentiu, quando arrojou seu pequeno roubo ao fundo do buraco. Somente os corvos seguem pondo coroas alucinantes sobre os enterradores. (151)

André, ante a fome da mulher e do filho que não para de pedir comida, espera a noite chegar e volta ao local onde o boi foi enterrado. Encontra dezenas de índios cavando a terra fofa, de onde exala o cheiro fétido da carne apodrecida. Repartem os sinistros despojos cobertos de vermes e voltam aos seus huasipungos, ocultados pelas sombras da noite. André volta a sua choça trazendo o precioso banquete. Depois de fartos, os três tentam dormir. André levanta-se enjoado no meio da noite, sai da choça e vomita tudo. Cunshi sente queimar-lhe o estômago e grita de dor. Entre remédios para a dor de barriga, a fraqueza e a sonolência, o dia amanhece e Cunshi passa as horas retorcendo-se e retratando nos olhos esbugalhados o sofrimento mais cruel. A imensa dor faz dela uma possessa, contorcendo-se sem parar. Desesperado, André atira-se a ela, tentando paralisar-lhe os movimentos, entre seus gritos de tormento. Depois de lutar até as derradeiras forças, seu corpo prostra-se e silencia.

8. Quanto se paga para entrar no paraíso?

Depois das lágrimas de André, chegaram as carpideiras para o *chasquibay*, o

ritual dos índios para prantejar seus mortos. Ao fim dos lamentos, as mulheres levam o corpo de Cunshi para banhá-la no rio e após enxugá-la, começam a catar seus piolhos e lêndeas. André sai em busca do padre para encomendar a missa e o enterro. Ao encontrá-lo, pergunta quanto custa a cerimônia e o padre leva-o para mostrar suas mercadorias num cemitério de cruzeiros atrás da igreja.

– *Olha! – ordena o bom pároco, passando a vista pelo campo de cruzeiros, com a cobiça igual ao fazendeiro observador de sementeiras bem carregadas.*

– *Jesus!*

– *Agora bem, estes que se enterram aqui, estão nas primeiras filas, como estão mais perto do altar-mor, mais perto das orações e, portanto, mais perto de Nosso Senhor Sacramento – tira o gorro e faz uma reverência de caída de olhos, pondo um ar de mistério em suas afirmações – são os que vão mais rapidamente aos céus, são os que, geralmente, se salvam. Daqui ao céu, não há mais que um passinho.(...)*

(...) *Depois deste sermão, deu alguns passos, e começou de novo a farsa, diante das cruzeiros, que se erguiam no meio de cemitério. – Estas cruzeiros de paus sem pintura são todas de índios pobres. Como podes perfeitamente compreender, estão um pouco mais afastadas do santuário; as rezas às vezes chegam até elas, às vezes não. A misericórdia de Deus, que é infinita – outra reverência e outra saudação com o gorro – levou estes infelizes ao Purgatório. Tu já sabes que são as torturas do Purgatório, são piores que as do Inferno. (...)*

– *E, por último...! Não caminhes mais – grita vendo que o índio avança campo a dentro.*

– *Acaso não percebes um odor estranho? Algo fétido... Algo enxofrado.*

– *Não paizinho.*

(...) – *Ali... Os distantes... Os esquecidos... Os réprobos!*

Como se a palavra lhe queimasse a boca, como se tivesse visto um relâmpago sinistro, desembaraçou-se dela:

– *O Inferno! (167-169)*

Depois de assustar o pobre índio, o pároco resolveu tratar de negócios:

– *Como te tens sempre portado serviçal para comigo, vou cobrar-te baratinho, coisa que não faço mais a pessoa alguma. Pela missa e pelo enterro nas primeiras filas, só te custam vinte e cinco sucos. Nas do meio, que serão as que te convêm, te custam quinze sucos. E... nas últimas, onde habitam os demônios, cinco sucos. Coisa, que não te aconselharia, nem estando louco. Preferível seria, deixá-la sem sepultura.(170)*

Como o padre, ante a pobreza extrema de André, arrematou o negócio dizendo que o pagamento era à vista, o índio se afastou em lágrimas. Com receio que sua querida Cunshi vá para o inferno, rouba uma vaca de Don Alfonso e vende por quarenta sucos para poder mandá-la para o céu. O roubo é descoberto e ele é açoitado até desfalecer.

Balanceia o índio, dependurado em regular altura. A corda aperta-lhe os pulsos, como mordidas de fogo. A cada movimento das pernas do dependurado, a corda aprisiona com mais firmeza e os calções, que foram as únicas vestes que lhe deixaram,

começam a escorregar pela cintura. Um índio que estava aprendendo a contar, exercita em voz baixa, a sua sabedoria, contando as costelas de André.

(...) O desespero e o pranto infantil mexem com a alma dos índios, sacudindo-lhes com um tremor de lágrimas. Até as índias se sentem em estado de gritar. Basta, canalha!... Basta! Mas o protesto se esbarra de encontro à parede da humildade, da resignação, dos entraves que, desde pequenos, lhes puseram o cura, o amo, o delegado de polícia, e todos os brancos pregadores de moral, todas as elites da civilização, que vivem buscando espáduas submissas, sobre as quais passe o carro do progresso, por onde irão eles e seus satélites.

(...) Uma pausa para tomar alento, para cuspir nas mãos, para voltar ao começo. O chicote apazigua os gritos, apazigua as convulsões, faz calar as súplicas, imobiliza os protestos. As costas do delinquente se fizeram vermelhas de sangue, a cabeça se abate. Somente o chicote é capaz de fazer oscilar o corpo inerte. Não paga a pena, gastar as forças para golpear um corpo desmaiado.

Desafiante, o Jacinto grita para o dependurado:

– Índio cachorro, por que não aguentas mais? Maricão...

Como única resposta, o índio se balança dependurado na estaca, como bandeira hasteada, depois de uma tempestade. (179-182)

9. Os gringos mandam destruir os huasipungos

Correu a notícia que os norte-americanos iam chegar. Os mestiços engalanaram as portas das casas com bandeirolas e com "vivas aos gringos". Os índios, desconfiados, ficaram à margem daquela alienante euforia. Numa manhã, três automóveis e sete caminhões, carregados com máquinas, cruzaram com rapidez o povoado, sem tomar conhecimento das homenagens.

Encarapitados em uma elevação de barro, numa dessas tapias formada pelos tempos, Mr. Chapy e Don Alfonso faziam sobre a vasta planta da serra, com o ponteiro afilado dos indicadores, o croquis para os primeiros trabalhos.

– Isto aqui estará bem sem as choças. Teremos que construir nossas casas por aí, nossas oficinas, tudo – comenta o estrangeiro, apontando para as margens do rio.

– Ah! O que ofereci, cumpro.

(...) – Well... Well... Nessa lombada poderíamos pôr a serraria grande – afirma Mr. Chapy, arrastando o castelhano de uma pronúncia que tem os eixos dos "erres" e dos "esses" mal engraxados.

– Ali? – interroga o fazendeiro, assinalando o grupo dos huasipungos.

– Yes. Justamente, por isso, dizia a Mr. Julio que preciso de tudo limpo, completamente limpo.

O gringo seguia, assinalando as diferentes choças, que inteiriçadas de frio entre as brenhas da montanha, se deixariam caçar pela necessidade civilizadora de Mr. Chapy.

– Temos bosques para um século. – atreve-se a comentar Don Alfonso, com o riso meloso dos que creem vender bagatelas.

– E outra coisa mais, todavia. Certamente, há lido você que toda a cordilheira oriental destes Andes está cheia de petróleo – afirma Mr. Chapy em tom confidencial.

– Ah? Sim?

– Não sabia você? Há bom tempo que já havíamos firmado o contrato. Aqui

temos petróleo. Eu examinei isto. Você e seu tio também terão boa parte no negócio.
– *Que grandes são vocês os Ianques! (184-186)*

Nos dias seguintes, dada a ordem de destruição, começa a demolição das choças.

Caíram sobre os primeiros huasipungos, com a voracidade de corvos, os senhores gringos, até deixar as choças em ossos.

(...) – Vão saindo com brevidade. Aqui vamos começar os trabalhos.

Da choça saiu um índio.

– Por que nos tirar? Este aqui é meu huasipungo. Desde o tempo do patrão grande, mesmo. Por que nos tirar?

– Não queremos saber de nada. Vá saindo. Na montanha, há terreno de sobra. Vá pra lá.

Como o índio, instintivamente, se opusesse ao despejo, um dos homens lhe deu um repelão, fazendo-o rodar sobre o milho, enquanto ordenava aos mestiços armados de picaretas, alavancas e pás:

– Já, fora tudo. Vamos começar..

E começaram, em cumprimento ao mando, investindo sobre a miserável choça. Caiu a cobertura de palha, aos pedaços, sobre a nudez do lar índio. Diante dos olhos curiosos do sol, destapa-se a panela de cultivos de miséria, onde a magnificência de uma cultura feudal havia guardado, por séculos, o segredo de sua nobreza dourada.

– Canalha!... Eu vou avisar o patrão... – ameaça o índio ultrajado, sem saber a quem dirigir seu despeito e sua impotência.

– Te há de mandar a patadas – informa o capataz.

Acovardado, o índio, ao ver-se rodeado pela mulher, pelos filhos e pelos farrapos, suplicou humildemente:

– Então... Onde vamos, pois, passar o dia, patrãozinho?

Já lhe disse que nos montes. Por enquanto não se precisam desses terrenos. (187-188)

Diante dos gritos da família, o índio viu seu castelo desmoronar. Era como se arrancassem o coração do próprio peito. Nascera ali, aquele quintal fora as fronteiras de sua infância. Ali criara seus filhos e agora amparava seu velho pai. Sua choça era o seu ninho, seu pequeno mundo, seu melhor lugar no universo.

Fez uma maleta com os trapos; juntou as galinhas e o milho; carregou o pai paraplético e, seguido pela mulher, a quem entregou a maleta, pelos pequenos e pelo cão, o índio entrou no caminho do monte, pensando em ir pedir pousada ao compadre Tucuso. No caminho foi encontrando outras famílias despojadas, entre elas, também se encontrava a do compadre. (189)

10. A revolta

Nasce a revolta e ela chega até o coração de André, quando avisado pelo filho que estão derrubando os huasipungos.

– Não... Não hão de roubar assim não, grandes canalhas – afirma o índio.

Sem atinar com a defesa imediata se pôs pálido, com os olhos mui abertos. Como podiam arrancar-lhe a sua chácara, se nela se sentia cravado como uma árvore da montanha. Teriam primeiramente, que tombá-lo a machado. (189-190)

(...) Parece que a encosta despertou, enquanto o vale e a montanha, com seus mil huasipungos, seguem dormindo. Despertar parcial, despertar imprevisto, que põe mais furor desordenado e selvagem nos rebeldes. O cartel sonoro da trompa não penetrou em todas as choças. As cem famílias índias se precipitam sozinhas. A terra sente a cócega de seus pés nus, que correm; os huasipungos da planície parecem ter mudado a atitude de agachamento pacífico para o agachamento de espreita nas barricadas. As árvores são torres de observação, com seu telegrafista, que abrem seus olhos nas copadas. As enseadas e as covas da rocha se engordam de material bélico. (191)

Os índios se levantam em fúria e seguem pela encosta, com mulheres e crianças aos gritos de "nosso huasipungo". Encontram seis homens que sob o comando do delegado Jacinto haviam posto fogo na região. Cercam-nos, e André, apoiado em muletas, ataca Jacinto que morre sob seus golpes, assim como morrem os demais, e entre eles o capataz Rodrigues.

Enquanto à noite os índios invadem a casa do fazendeiro em busca de comida e retiram daquela servidão suas mães, irmãs e filhas, em Quito o governo envia trezentos soldados para combater a revolta.

Nos círculos governamentais, a notícia caiu, como caem sempre estas notícias, como um ato de barbaria contra a civilização.

– Que sejam mortos.

– Que os acabem.

– Que os eliminem.

(...) Quando a tropa chegou ao povoado, don Alfonso recomendou ao oficial que a comandava:

– Oxalá consiga pegar alguns deles vivos, para que se faça um exemplo.

– Creio difícil. Quando do famoso levante em Cuenca², meu general Naranjo, que era bem compassivo, ameaçou-os fazendo descargas para o ar, mas foi tudo inútil. São uns néscios.

– Como selvagens que são.

– Tivemos que os matar a todos; mais de dois mil ficaram estendidos. Demônios, que se alguém não está alerta bem pode ficar frito – afirma o oficial, tomando um copo duplo com o fazendeiro, servido pela mulher do Jacinto, que começava a inquietar-se pela demora do marido. (196-197)

² Jorge Icaza refere-se aqui à greve dos indígenas de Cuenca, por ocasião do centenário da Independência do Equador. Célebre na história do país, a revolta ocorrida entre 1920 e 1921 deu-se diante da notícia de novos impostos para os trabalhadores indígenas, pelo abuso e os maltratos praticados pela burguesia agrária e as fortes tensões sociais e políticas no campo, em face da reação de fazendeiros conservadores, revogando as conquistas liberais do governo de Eloy Alfaro (1895-1911), que proibiu a servidão dos índios equatorianos e os protegia legalmente contra as arbitrariedades e a exploração dos latifundiários.

Eis aí o espírito do capitalismo – filho do feudalismo e da escravidão – transformando suas vítimas em algozes, para justificar sua nefasta intervenção e seus atos criminosos.

11. O massacre

Mais tarde as metralhadoras começaram a cantar, levando as famílias indígenas a se enconderem nas matas da encosta. Os soldados, cercando os fugitivos, metralhavam sem parar. Caem homens, mulheres e crianças.

Os tiros de fuzis vão catando os índios de todos os esconderijos.

Passam as horas. O sol vai se afundando entre algodões, empapados de sangue dos charcos.

Uma vintena de índios se fortificou no huasipungo de André Chilibuinga, o qual se encontra situado ao fim da quebrada grande. (198)

Os soldados cercam o local, e são atacados por blocos de pedras, que os índios fazem descer do alto do morro, e disparam contra os militares com escopetas de caçar rolas. O batalhão abre fogo sem piedade.

(...) No valado, as mulheres, os garotos e os índios começam a ficar imóveis. Uivam de dor todas as bocas. Os ais se revolvem, formando ninhos de lodo sanguinolento. Os garotos morrem no regaço de suas mães, as índias morrem no regaço dos alaridos infantis. Entre nuvens de pó e de dor, os poucos índios e os poucos rapazolas que restam, defendem-se a pedradas. De repente, à mandíbula inferior do valado, brotam dentes de baionetas. O refúgio se converte em focinho carnívoro, que se compraz em triturar a indefesa indiada, com seus caninos de aço. (199)

Quais aves sem ninho e refugiados dentro da choça de André, os últimos índios ouvem as rajadas que chegam. As metralhadoras rasgam o teto da humilde choça. O fogo se acende sobre as palhas do telhado. O desespero, o pânico e a tosse asfixiante atingem a todos. André abre a porta e com o filho nos braços grita:

– Canalhaaaaaas... Nosso huasipungo!

(...) Tudo emudece, até a choça terminou de arder. O sol se asfixia entre tanto algodão ensopado, ensopado com o sangue dos charcos.

(...) Entre os despojos da dominação, entre as choças desfeitas, entre o montão de carne flácida ainda, surgiu a grande sementeira de braços fracos, como espigas de cevada, que, ao serem mexidas pelos ventos gelados dos páramos da América, murmuram, pondo os dominadores de pele eriçada, com voz ululante de trado:

– Nosso huasipungo!

– Nosso huasipungo! (201)

12. O porquê desse resumo

Creio que uma simples resenha não daria a dimensão do dramático enredo dessa obra, cuja *via crucis* somente pode ser avaliada pela sua leitura integral. Propus-me nessa síntese transcrever apenas os seus quadros mais reais e, lamentavelmente, os mais chocantes. Resolvi fazê-lo, por saber que o romance *Huasipungo*, apesar de tantas edições pelo mundo e algumas no Brasil, é praticamente desconhecido dos leitores

brasileiros. Creio também que para isso servem as memórias: para aproximar o que está distante, para que se lembre o que não deve ser esquecido e destruído pelos anos e para que o tempo faça a sua justiça, denunciando as arbitrariedades, revelando a verdade, revendo e interpretando os fatos, seja na ficção, seja na história. Parece uma ironia dizer que perante a história oficial – quando trata das injustiças sociais e os crimes políticos – transita-se numa cultura do esquecimento, insinuando-nos que não deveríamos olhar para o passado. Que isso é um retrocesso. Mas foi por sentir-me assim induzido pela história contada pelos vencedores que, na primeira parte deste livro, dediquei tantas páginas para reavivar a “memória esquecida” dos araucanos no Chile e, se essa extensa crônica de viagem tiver alguma importância, será pelas sementes deixadas pelos caminhos, e pelas flores e os frutos colhidos nesse reencontro com o passado. É apaixonante vivenciar o resgate e o usufruto do conhecimento histórico. Escrevo para que o esquecimento não apague minhas pegadas. Meus passos pela América não teriam sido tão fecundos se não tivesse encontrado os rastros libertários de Lautaro e Caupolicán, Túpac Amaru e Túpac Katari, Bartolina Sisa e Micaela Bastidas, Juana Azurduy e Manuela Sáenz, bem como, em episódios mais recentes, os exemplos memoráveis dos poetas Javier Heraud, Otto René Castillo e a luta atual e incondicional do ex-guerrilheiro Hugo Blanco em favor do indígena. O que conto é a história dos vencidos, para que sua memória e o sabor desse conhecimento não morram comigo, já que nem eu, nem ninguém, tem certeza se terminará seu dia vivo. Não creio que a literatura possa mudar o mundo, mas a consciência do que ela retrata pode ser um apelo para essa mudança. Quanto à minha literatura, há de ser sempre um ato de liberdade, de aventura e de resistência. Mas é também um gesto de esperança, porque creio que assim são os poetas, na sua maneira profética de ver o mundo. O livro de Jorge Icaza é um clássico e por isso será sempre uma trincheira aberta. Ainda que seja uma ficção, é o retrato fiel de uma amarga realidade que continua marcando a história do índio no continente. Efetivamente, minha intenção, ao resumir esta novela, foi mostrar a figura simbólica de André Chilibungo e seu gesto de resistência, no contexto de uma revolta reprimida durante séculos de inomináveis injustiças e sofrimentos. O livro não apenas mostra o drama do indígena no Equador, mas é o reflexo do seu calvário em todo o continente.

O indigenismo, no contexto andino, é virtualmente um problema estranho aos estudos brasileiros, mas é uma bandeira desfraldada pelos hispano-americanos conscientes e cada vez mais presente nos debates nacionais, promovido por movimentos e governos populistas e democráticos que se formaram nas últimas décadas. O livro de Icaza é um protesto e o testemunho de um sonhador contra a injustiça social em seu país, um gesto corajoso de denúncia que transcende pela sua universalidade. *Huasipungo* é o enredo da crueldade e da cobiça do branco e do mestiço, ante a inocência e o desamparo do índio. Supersticioso e ingênuo, o índio retratado por ele é explorado pelos engodos do sacerdote que negocia, com descarada cupidez, o lugar no paraíso, ameaçando com o fogo do inferno. Impotente e humilde nas relações de trabalho, o indígena é sugado pelo poder da ganância até o extremo de suas forças, levando-o ao desfalecimento ou à morte. Humilhado perante seus iguais, sob o látigo cortante dos castigos mais cruéis e, massacrado ante a ousadia da revolta, cai abatido como uma ave indefesa, numa luta desigual, ante o ribombar das metralhadoras dos “heroicos” militares, defensores da “civilização” e dos interesses norte-americanos.

Ao comentar, recentemente, a importância da obra com alguns amigos, causou-

me surpresa ouvir de alguns que não a conheciam. Quem sabe eu também não a conhecesse, se não tivesse passado pelo Equador. Eis porque achei interessante resumir esse livro, cujo tema constitui uma crítica frontal à exploração desumana dos índios na região andina. Quem sabe alguns leitores perguntem por que, ao invés de um enfoque tão pontual, não escrevi sobre os grandes poetas equatorianos. Quero dizer que muitos dos seus versos povoaram de encanto alguns de meus momentos mais especiais. Mas a literatura pela literatura era um luxo, que não se alinhava na luta aberta e no compromisso com a história daqueles anos. A literatura que me interessava era aquela que abria um caminho, cerrava os punhos contra as injustiças, escrevia o nome dos opressores e apresentava-se com uma visão crítica dos fatos sociais, porque é disso que é feito o mundo e a história: de fatos..., sejam eles tecidos com tragédias ou esperanças.

Como cruzar o continente sem deparar, a todo o momento, com o grande drama por que passa, há quinhentos anos, o indígena americano, seja na região andina ou na América Central – como também aqui no Brasil, onde as demarcações de suas terras são violadas pela ganância da agroindústria – descendentes das civilizações pré-colombianas, herdeiros culturais de sagas gloriosas, e que atualmente sobrevivem marcados pela servidão e pela extrema pobreza. *Huasipungo*, como um retrato desse drama, não somente é considerada a obra literária mais importante do Equador, mas, pelo seu significado, tornou-se a grande novela indigenista por antonomásia. Em 1934, já no ano de sua publicação, o livro recebeu o primeiro prêmio de novela, em um concurso realizado em Buenos Aires, e foi publicado pela importante casa editorial Losada.

Quando passei pelo Equador em 1970, o sistema de servidão do huasipungo vigorava incólume na sua estrutura agrária, gerando o empobrecimento massivo e a fome da população indígena que, na época, correspondia à metade dos habitantes do país. Uma ansiada reforma agrária e a educação do índio foram os sonhos de notáveis intelectuais equatorianos, como Pio Jaramillo Alvarado e Benjamin Carrión. Diante de uma realidade tão cruel, da ganância e do desprezo por uma raça tão nobre, esses belos projetos abortaram, pela ausência de responsabilidade social, pela indiferença do poder e pelo silêncio da própria cultura. Além do sonho, sobrevive a esperança. Creio que a esperança apenas, nada mais...

(*) O presente texto faz parte do livro *NOS RASTROS DA UTOPIA: Uma memória crítica da América Latina nos anos 70*, lançado pela Escrituras Editora em 2014.